

A IRREALIDADE DO TEMPO¹

*John McTaggart
Ellis McTaggart*

*Tradução:
César Schirmer dos Santos*
cesarschirmer@gmail.com*

Indubitavelmente, parece altamente paradoxal afirmar que o Tempo é irreal, e que todas as declarações que envolvem sua realidade são errôneas. Tal afirmação envolve uma partida muito maior da posição natural da humanidade do que aquela que está envolvida na afirmação da irrealidade do Espaço ou da irrealidade da Matéria. Uma ruptura tão decisiva com a posição natural não é para ser aceita levemente. E ainda assim em todas as eras a crença na irrealidade do tempo tem se provado singularmente atrativa.

Na filosofia e religião do Oriente essa doutrina é de importância cardinal. E no Ocidente, onde a filosofia e a religião estão menos intimamente conectadas, a mesma doutrina continuamente recorre, tanto entre filósofos como entre teólogos. A teologia nunca se mantém afastada do misticismo por um longo período, e quase todo misticismo nega a realidade do tempo. Na filosofia, novamente, o tempo é tratado como irreal por Spinoza, por Kant, por Hegel e Schopenhauer. Na filosofia do dia presente, os dois movimentos mais importantes (excluindo aqueles que são meramente críticos) são os que olham para Hegel e para o Sr. Bradley. E ambas essas escolas negam a realidade do

1 Publicado originalmente em "Mind: a Quarterly Review of Psychology and Philosophy", 17(68), pp. 457-474, Oct. 1908.

* Doutor em Filosofia e Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria.

tempo. Não se pode negar que uma tal concorrência de opinião seja altamente significativa – e não é menos significativa porque a doutrina toma tais formas diferentes, e é suportada por argumentos diferentes.

Acredito que o tempo é irreal. Mas o faço por razões as quais não são, penso, empregadas por nenhum dos filósofos que mencionei, e proponho explicar minhas razões neste artigo.

\458/² Posições no tempo, como o tempo *prima facie* aparece a nós, são distinguidas de duas maneiras. Cada posição é Anterior a alguma, e Posterior a alguma, das outras posições. E cada posição é ou Passada, ou Presente ou Futura. As distinções da primeira classe são permanentes, enquanto aquelas da última não o são. Se M é uma vez anterior a N, é sempre anterior. Mas um evento, o qual é agora presente, era futuro e será passado.

Dado que distinções da primeira classe são permanentes, elas podem ser tomadas como mais objetivas, e mais essenciais à natureza do tempo. Creio, contudo, que isso seria um erro, e que a distinção de passado, presente e futuro é tão *essencial* ao tempo quanto à distinção de anterior e posterior, enquanto em um certo sentido, como veremos, ela pode ser vista como mais fundamental do que a distinção de anterior e posterior. E é porque as distinções de passado, presente e futuro me parecem essenciais ao tempo que vejo o tempo como irreal.

Por brevidade, falarei da série de posições correndo do passado distante para o passado próximo ao presente, e então do presente ao futuro próximo e ao futuro distante, como a série A. A série de posições a qual corre do anterior ao posterior chamarei de série B. Os conteúdos de uma posição no tempo são chamados de eventos. Os conteúdos de uma posição única são admitidos como sendo propriamente chamados de uma pluralidade de eventos. (Creio, contudo, que elas podem *tão* verdadeiramente, embora não *mais* verdadeiramente, ser chamadas de um evento único. Essa visão não é universalmente aceita, e não é necessária para o meu argumento.) Uma posição no tempo é chamada de um momento.

A primeira questão que devemos considerar é se é essencial à realidade do tempo que seus eventos devam formar uma série A assim como uma série B. E é claro, para começar, que nunca *observamos* o tempo exceto como formando ambas essas séries. Percebemos eventos no tempo como sendo presentes, e esses são os únicos eventos que percebemos diretamente. E todos outros eventos no tempo os quais, pela memória ou inferência, acreditamos serem

2 Os números entre “\” e “/” indicam a paginação do artigo, segundo a publicação original em “Mind”, 17(68), pp. 457-474, Oct. 1908.

reais, são vistos como passados ou futuros – aqueles anteriores ao presente sendo passados, e aqueles posteriores ao presente sendo futuros. Assim os eventos do tempo, como observados por nós, formam uma série A, assim como uma série B.

É possível, contudo, que isso seja meramente subjetivo. Pode ser o caso que a distinção introduzida entre posições no tempo pela série A – a distinção de passado, presente e futuro – seja simplesmente uma ilusão constante de nossas mentes, e que a natureza real do tempo contenha apenas a distinção da série B – a distinção de anterior e posterior. Nesse caso não poderíamos *perceber* o tempo como ele realmente é, mas poderíamos ser capazes de *pensá-lo* como ele realmente é.

Essa não é uma visão muito comum, mas encontrou apoiadores capazes. Creio que ela é indefensável, porque, como disse acima, me parece que a série A é essencial à natureza do tempo, e que qualquer dificuldade na maneira de ver a série A como real é igualmente uma dificuldade no modo de ver o tempo como real.

Seria universalmente aceito, suponho, que tempo envolve mudança. Uma coisa particular, de fato, pode existir sem ser modificada por qualquer quantidade de tempo. Mas quando perguntamos o que queremos dizer falando que houve diferentes momentos de tempo, ou uma certa duração de tempo, por meio da qual a coisa era a mesma, descobrimos que queremos dizer que ela permaneceu a mesma enquanto outras coisas estavam mudando. Um universo no qual nada mudasse (incluindo os pensamentos dos seres conscientes nele) seria um universo sem tempo.

Se, então, uma série B sem uma série A pode constituir tempo, a mudança deve ser possível sem uma série A. Deixe-nos supor que a distinção de passado, presente e futuro não se aplica à realidade. Pode a mudança aplicar-se à realidade? O que é que muda?

Podemos dizer que, em um tempo o qual formou uma série B mas não uma série A, a mudança consistiu no fato de que um evento cessou de ser um evento, enquanto outro evento começou a ser um evento? Se esse fosse o caso, nós certamente deveríamos ter uma mudança.

Mas isso é impossível. Um evento não pode nunca cessar de ser um evento. Ele nunca pode sair de uma série do tempo na qual tenha estado uma vez. Se N é uma vez anterior a O e posterior a M, ele sempre será, e sempre foi, anterior a O e posterior a M, visto que as relações de anterior e posterior são permanentes. E como, pela nossa hipótese presente, o tempo é constituído apenas por uma série B, N sempre terá uma posição em uma série do tempo,

e sempre teve uma.³ Isto é, sempre será, e sempre foi, um evento, e não pode começar ou deixar de ser um evento.

Ou devemos dizer que um evento M se funde com outro evento N, enquanto preserva uma certa identidade por meio de um elemento não modificado, de modo que podemos dizer não meramente que M terminou e N começou, mas que é M que se tornou N? A mesma dificuldade ainda ocorre. M e N podem ter um elemento comum, mas eles não são o mesmo evento, ou não teria havido mudança. Logo, se M se transforma em (*change into*) N em um certo momento, então, nesse momento, M deixou de ser M, e N começou a ser N. Mas vimos que nenhum evento pode deixar de ser, ou começar a ser, ele mesmo, visto que ele nunca deixa de ter um lugar como ele mesmo na série B. Assim, um evento não pode se transformar em (*change into*) outro.

A mudança também não pode ser buscada nos momentos numericamente diferentes do tempo absoluto, supondo que tais momentos existam. Pois os mesmos argumentos se aplicarão aqui. Cada um desses momentos teria seu próprio lugar na série B, visto que cada um seria anterior ou posterior a cada um dos outros. E como a série B indica relações permanentes, nenhum momento poderia deixar de ser, nem poderia se tornar outro momento.

Logo, visto que o que ocorre no tempo nunca começa ou deixa de ser o que é, e visto, novamente, que se é para haver mudança esta deve ser mudança no que ocorre no tempo (pois o que é sem tempo [*timeless*] nunca muda), digo que só resta uma única alternativa. As mudanças devem acontecer aos eventos de tal natureza que a ocorrência de tais mudanças não impeça os eventos de ser eventos, e os mesmos eventos, tanto antes quanto depois da mudança.

Ora, quais características de um evento são tais que podem mudar e ainda assim deixar o evento ser o mesmo evento? (Uso a palavra “característica” como um termo geral para incluir tanto as qualidades que um evento possui quanto as relações das quais esta é um termo – ou antes o fato que o evento é um termo dessas relações.) Me parece que há apenas uma classe de tais características – a saber, a determinação do evento em questão pelos termos da série A.

Tome qualquer evento – a morte da Rainha Anne, por exemplo – e considere que mudança pode ter lugar nas suas características. Que é uma morte, que é a morte de Anne Stuart, que tem tais causas, que tem tais efeitos –

3 É igualmente verdadeiro, embora não nos inquiete sobre a hipótese que estamos considerando agora, que o que quer que esteja uma vez em uma série A está sempre em uma. Se uma das determinações passado, presente e futuro pode alguma vez ser aplicada a N, então uma delas sempre foi e sempre será aplicável, embora certamente nem sempre a mesma.

características desse tipo nunca mudam. “Antes mesmo que as estrelas tenham visto umas às outras”⁴ o evento em questão era uma morte de uma Rainha Inglesa. No último momento do tempo – se o tempo tiver um último momento – o evento em questão ainda será a morte de uma Rainha Inglesa. E em cada aspecto, tirando um, ele é igualmente sem mudança. Mas em um aspecto ele muda. Ele começou sendo um evento futuro. Ele se tornou a cada momento um evento no futuro mais próximo. Finalmente ele era presente. Daí ele se tornou passado, e permanecerá assim para sempre, embora a cada momento ele se torne mais e mais passado.

Assim, parecemos forçados à conclusão de que toda mudança é apenas uma mudança das características conferidas aos eventos pela sua presença na série A, sejam essas características qualidades ou relações.

Se essas características são qualidades, então os eventos, devemos admitir, não serão sempre os mesmos, dado que certamente um evento cujas qualidades se alteram não é completamente o mesmo. E, mesmo que as características sejam relações, os eventos não seriam completamente os mesmos se – como eu penso ser o caso – a relação de X a Y envolve a existência em X de uma qualidade de relacionamento a Y.⁵ Então estaremos ante duas alternativas. Podemos admitir que eventos realmente mudam sua natureza, com respeito a tais características, embora não com respeito a outras. Não vejo dificuldade em admitir isso. Isso colocaria as determinações da série A em uma posição muito exclusiva entre as características do evento, mas em qualquer teoria elas seriam características muito exclusivas. É usual, por exemplo, dizer que um evento passado nunca muda, mas não vejo porque não deveríamos dizer, ao invés disso, “um evento passado muda em apenas um aspecto – que a cada momento ele está mais distante do presente do que ele estava antes”. Mas embora eu não veja nenhuma dificuldade intrínseca nessa visão, essa não é a alternativa que eu vejo como no fim das contas verdadeira. Pois se, como creio, o tempo é irreal, a admissão de que um evento no tempo mudaria com respeito à sua posição na série A não envolveria nada que realmente mudasse.

Sem a série A, então, não haveria mudança, e conseqüentemente a série B por si mesma não é suficiente para o tempo, dado que tempo envolve mudança.

4 “Sister, before We smote the Dark in twain, / Ere yet the stars saw one another plain” são versos do poema “The answer”, de Rudyard Kipling, Disponível em <http://www.poetryloverspage.com/poets/kipling/answer.html>. Acessado em 18 de março de 2013. (N. do T.)

5 Não estou afirmando, como Lotze fez, que uma relação entre X e Y consiste em uma qualidade em X e uma qualidade em Y – uma visão que vejo como completamente indefensável. Afirimo que uma relação Z entre X e Y *envolve* a existência em X da qualidade “ter a relação Z com Y” de modo que uma diferença de relações sempre envolve uma diferença na qualidade, e uma mudança de relações sempre envolve uma mudança de qualidade.

A série B, contudo, não pode existir senão como temporal, visto que o antes e o depois, os quais são as distinções nas quais ela consiste, claramente são determinações temporais. Assim, segue que não pode haver série B se não houver série A, dado que se não há série A não há tempo.

Mas não segue que, se subtraímos as determinações da série A do tempo, ficaremos sem série alguma. Há uma série – uma série das relações permanentes entre uma e outra dessas realidades as quais no tempo são eventos – e é a combinação dessa série com as determinações A que gera o tempo (*gives time*). Mas essa outra série – deixe-nos chamá-la de série C – não é temporal, pois ela não envolve mudança, mas apenas uma ordem. Eventos têm uma ordem. Eles estão, digamos, na ordem M, N, O, P. Logo eles *não* estão na ordem M, O, N, P, ou O, N, M, P, ou em qualquer outra ordem possível. Mas que eles têm essa ordem não implica mais que há alguma mudança do que a ordem das letras do alfabeto ou dos Pares do Parlamento implica qualquer mudança. E assim aquelas realidades que nos aparecem como eventos podem formar uma tal série sem estarem credenciadas ao substantivo “eventos”, visto que esse substantivo só é dado a realidades que estejam em uma série temporal. É apenas quando a mudança e o tempo entram que as relações a essa série C se tornam relações de antes e depois, e assim ela se torna uma série B.

Todavia, é preciso mais para a gênese de uma série B e do tempo do que simplesmente a série C e o fato da mudança. Pois a mudança precisa ser em uma direção particular. E a série C determina a ordem, mas não determina a direção. Se M, N, O, P percorrem a série C, então na série B do anterior ao posterior não pode correr M, O, N, P, ou M, P, O, N, mas apenas de duas maneiras. Nela pode correr ou M, N, O, P (de modo que M é o primeiro e P o último) ou P, O, N, M (de modo que P é o primeiro e M é o último). E não há nada, seja na série C ou no fato da mudança, que determina de que maneira isso será.

Uma série que não é temporal não tem direção própria, embora tenha uma ordem. Se mantemos a série dos números naturais, não podemos colocar 17 entre 21 e 26. Mas mantemos a série, quer façamos o caminho de 17, via 21, a 26, quer façamos o caminho de 26, via 21, até 17. A primeira direção parece mais natural a nós, porque essa série só tem uma terminação, e geralmente é mais conveniente ter essa terminação como um início do que como um final. Mas mantemos a série igualmente contando de trás para diante.

Assim, na série de categorias da dialética de Hegel, a série nos impede de colocar a Ideia Absoluta entre o Ser e a Causalidade. Mas ela nos permite ou ir do Ser, via Causalidade, à Ideia Absoluta, ou da Ideia Absoluta, via Causalidade, ao Ser. A primeira é, segundo Hegel, a direção da prova, e assim

geralmente é a ordem mais conveniente para a enumeração. Mas se acharmos conveniente enumerar na direção reversa, ainda estaremos observando a série.

Uma série não temporal, então, não tem direção nela mesma, embora uma pessoa que a considere possa tomar os termos em uma direção ou na outra, de acordo com sua própria conveniência. E, da mesma maneira, uma pessoa que contempla uma ordem temporal pode contemplá-la em qualquer uma das duas direções. Ela pode contemplá-la da Carta Magna à Reforma do Sistema Eleitoral, ou da Reforma do Sistema Eleitoral à Carta Magna. Mas ao lidar com a série do tempo tratamos não apenas de uma mudança em uma contemplação externa dessa, mas de uma mudança que pertence à própria série. E essa mudança tem sua própria direção. A Carta Magna veio antes da Reforma do Sistema Eleitoral, e a Reforma do Sistema Eleitoral não veio antes da Carta Magna.

Logo, além da série C e do fato da mudança deve ser dado – para haver tempo – o fato de que a mudança é em uma direção, e não na outra. Agora podemos ver que a série A, junto com a série C, é suficiente para gerar (*give us*) o tempo. Pois para haver mudança, e mudança em uma direção, é suficiente que uma posição da série C deva ser Presente, excluindo todas as outras, e que essa característica da presentidade deva passar ao longo da série de tal maneira que todas as posições de um lado do Presente tenham sido presentes, e todas as posições do outro lado dele venham a ser presentes. Aquilo que foi presente é Passado, e aquilo que será presente é Futuro.⁶ Assim, à nossa conclusão prévia de que não pode haver tempo a não ser que a série A seja verdadeira da realidade, podemos adicionar a conclusão de que além da série A e da série C nenhum outro elemento é requerido para constituir uma série temporal.

Podemos resumir as relações entre as três séries e o tempo da seguinte maneira: as séries A e B são igualmente essenciais para o tempo, o qual deve ser distinguido como passado, presente e futuro, e deve da mesma maneira ser distinguido com anterior e posterior. Mas as duas séries não são igualmente primitivas (*ultimate*). As distinções da série A são definitivas. Não podemos explicar o que se entende por passado, presente e futuro. Podemos, em certa medida, descrevê-los, mas eles não podem ser definidos. Podemos apenas mostrar seus significados por exemplos. “Seu café desta manhã”, podemos

6 Essa explicação da natureza da série A não é válida, pois ela envolve um círculo vicioso, visto que ela usa “foi” e “será” para explicar o Passado e o Futuro. Mas, como nos esforçaremos em mostrar mais adiante, esse círculo vicioso é inevitável quando lidamos com a série A, e forma a base a partir da qual a rejeitaremos.

dizer a quem pergunta, “é passado; essa conversa é presente; sua janta essa noite é futura”. Não podemos fazer nada mais.

Por outro lado, a série B não é primitiva (*ultimate*). Pois, dada uma série C de relações permanentes de termos, a qual não é \464/ em si mesma temporal, e logo não é uma série B, e dado o outro fato de que os termos dessa série C também formam uma série A, resulta que os termos da série C se tornam uma série B, cujos primeiros termos, na direção do passado para o futuro, são anteriores àqueles localizados mais adiante na direção do futuro.

A série C, contudo, é tão primitiva (*ultimate*) quanto a série A. Não podemos extraí-la (*get it*) de nenhuma outra coisa. Que as unidades do tempo formam uma série, as relações das quais são permanentes, é tão primitivo (*ultimate*) quanto o fato de que cada uma delas é presente, passada e futura. E esse fato primitivo (*ultimate*) é essencial ao tempo. Pois é admitido que é essencial ao tempo que cada um dos seus momentos deva ser ou anterior ou posterior a cada um dos outros momentos; e essas relações são permanentes. E isso – a série B – não pode ser extraído (*got out*) apenas da série A. É apenas quando a série A, a qual dá a mudança e a direção, é combinada com a série C, a qual dá a permanência, que a série B pode surgir.

Apenas parte da conclusão à qual agora cheguei é requerida para o objetivo geral desse artigo. Estou me empenhando em apoiar a irrealidade do tempo não no fato de que a série A é mais fundamental do que a série B, mas no fato de que ela é tão essencial quanto a série B – que as distinções entre passado, presente e futuro são essenciais para o tempo, e que se as distinções nunca são verdadeiras da realidade, então nenhuma realidade está no tempo.

Essa visão, seja verdadeira ou falsa, não é nem um pouco surpreendente. Foi dito acima que o tempo, tal como o percebemos, sempre apresenta essas distinções. E foi geralmente aceito que essa é uma característica real do tempo, e não uma ilusão devida à maneira na qual o percebemos. A maioria dos filósofos, quer acreditem ou não que o tempo seja verdadeiro da realidade, viram as distinções da série A como essenciais ao tempo.

Quando a visão oposta foi defendida, geralmente foi, creio, porque se manteve (corretamente, como tentarei mostrar adiante) que as distinções entre passado, presente e futuro não podem ser verdadeiras da realidade, e que consequentemente, para se preservar a realidade do tempo, deve-se mostrar que a distinção em questão não é essencial para o tempo. A presunção, se defendia, contava a favor da realidade do tempo, e isso nos daria uma razão para rejeitar a série A como inessencial para o tempo. Mas, é claro, isso só nos dá uma presunção. Se a análise da noção de tempo tivesse mostrado que, pela

remoção da série A, o tempo era destruído, essa linha de argumentação já não estaria aberta, e a irrealidade da série A envolveria a irrealidade do tempo.

\465/ Empenhei-me em mostrar que a remoção da série A *destrói* o tempo. Mas há duas objeções a essa teoria, as quais agora devemos considerar.

A primeira lida com aquelas séries temporais as quais não são realmente existentes, mas as quais se acredita falsamente que são existentes, ou as quais são imaginadas como existentes. Tome, por exemplo, as aventuras de Don Quixote. Essa série, se diz, não é uma série A. Não posso nesse momento julgar que ela seja passada, presente ou futura. Na verdade, sei que não é nenhuma delas. Ainda assim, se diz, ela certamente é uma série B. A aventura dos escravos da galé, por exemplo, é posterior à aventura dos moinhos de vento. E uma série B envolve tempo. A conclusão que se tira é que a série A não é essencial ao tempo.

Minha resposta a essa objeção é a seguinte. O tempo só pertence ao existente. Se qualquer realidade está no tempo, isso envolve que a realidade em questão existe. Isso, imagino, será universalmente admitido. Pode ser questionado se tudo do que existe está no tempo, ou mesmo se alguma coisa realmente existente está no tempo, mas não será negado que, se algo está no tempo, então deve existir.

Ora, o que é existente das aventuras de Don Quixote? Nada. Pois a história é imaginária. Os atos da mente de Cervantes quando ele inventou a história, os atos da minha mente quando penso na história – esses existem. Mas então eles formam parte da série A. A invenção da história por Cervantes está no passado. Meu pensamento sobre a história está no passado, no presente e – eu confio – no futuro.

Mas uma criança pode acreditar que as aventuras de Don Quixote são históricas. E ao lê-las eu posso, por um esforço de imaginação, contemplá-las como se elas realmente tivessem acontecido. Nesse caso, acredita-se que as aventuras são existentes, ou se as imagina como existentes. Mas daí acredita-se que elas estão na série A, ou ela são imaginadas como se estivessem na série A. A criança que acredita que elas são históricas acredita que elas aconteceram no passado. Se eu as imagino como existentes, as imaginarei como acontecendo no passado. Da mesma maneira, se alguém tivesse acreditado que os eventos registrados nas “Notícias de lugar nenhum” de Morris existissem, ou os imaginasse como existentes, ele acreditaria que eles existem no futuro, ou os imagina como existentes no futuro.⁷ Se vamos colocar o objeto da nossa

7 “News from Nowhere” é uma obra de 1890 do utopista William Morris. A obra está disponível online no Projeto Gutenberg, em <http://www.gutenberg.org/ebooks/3261>. Acessado em 18 de março de 2013. (N. do T.)

crença ou nossa imaginação no presente, no passado ou no futuro dependerá das características do objeto. Mas ele será colocado em algum lugar na nossa série A.

Assim, a resposta à objeção é que, caso algo esteja no tempo, então está na série A. Se isso realmente está no tempo, então realmente está na série A. Se alguém acreditou que algo está no tempo, alguém acreditou \466/ que está na série A. Se é imaginado como se estivesse no tempo, é imaginado como se estivesse na série A.

A segunda objeção é baseada na possibilidade, discutida pelo Sr. Bradley, de que possa haver várias séries temporais independentes na realidade. Para o Sr. Bradley, de fato, o tempo é apenas uma aparência. Não há tempo real, e logo não há várias séries reais do tempo. Mas a hipótese aqui é que deve haver na realidade várias séries temporais reais e independentes.

A objeção, eu imagino, é que todas as séries temporais seriam reais, enquanto a distinção entre passado, presente e futuro só faria sentido no interior de cada série, e logo não poderia ser tomada como conclusivamente (*ultimately*) real. Haveria muitos presentes, por exemplo. Ora, é claro que muitos pontos do tempo podem ser presentes (cada ponto na série do tempo é um presente uma vez), mas eles devem ser presentes sucessivamente. E os presentes das diferentes séries temporais não seriam sucessivos, dado que não estão no mesmo tempo. (Nem seriam simultâneos, dado que isso igualmente envolve estar no mesmo tempo. Eles não teriam nenhuma relação temporal.) E diferentes presentes, a menos que sejam sucessivos, não podem ser reais. Assim, as diferentes séries temporais, as quais são reais, devem ser capazes de existir independentemente da distinção entre passado, presente e futuro.

Contudo, não posso considerar essa objeção válida. Sem dúvida, em tal caso, nenhum presente seria *o* presente – seria apenas o presente de um certo aspecto do universo. Mas então nenhum tempo seria *o* tempo – seria apenas o tempo de um certo aspecto do universo. Sem dúvida, haveria uma série do tempo real, mas não vejo que o presente seria menos real do que o tempo.

É claro, não estou dizendo que não há contradição na existência de várias séries A distintas. Minha tese central é que a existência de *qualquer* série A envolve uma contradição. O que estou dizendo aqui é apenas que, supondo que poderia haver alguma série A, não vejo nenhuma dificuldade extra em haver várias de tais séries independentes uma da outra, e logo que não há incompatibilidade entre a essencialidade de uma série A para o tempo e a existência de vários tempos distintos.

Além disso, devemos lembrar que a teoria de uma pluralidade de séries temporais é uma mera hipótese. Nunca foi dada nenhuma razão para que

devéssimos acreditar na sua existência. Apenas foi dito que não há razão para não acreditarmos na sua existência, e que logo ela deve existir. Mas se sua existência deve ser incompatível com alguma outra coisa, \467/ para a qual há evidência positiva, então haveria uma razão porque deveríamos desacreditar na sua existência. Ora, como tentei mostrar, há evidência positiva para acreditar que uma série A é essencial ao tempo. Logo, supondo que fosse o caso (o que, pelas razões dadas acima, eu nego) que a existência de uma pluralidade de séries do tempo fosse incompatível com a essencialidade para o tempo da série A, seria a hipótese de uma pluralidade de tempos a que deveria ser rejeitada, e não nossa conclusão de que seria a série A.

Passo agora à segunda parte da minha tarefa. Tendo, como me parece, provado que não pode haver tempo sem uma série A, resta provar que uma série A não pode existir, e que logo o tempo não pode existir. Isso iria mostrar que o tempo não é real, visto que é admitido que a única maneira na qual o tempo pode ser real é existindo.

Os termos da série A são características de eventos. Dizemos de eventos que eles são passados, presentes ou futuros. Se momentos do tempo são tomados como realidades separadas, também dizemos delas que elas são passadas, presentes ou futuras. Uma característica pode ser ou uma relação, ou uma qualidade. Quer tomemos os termos da série A como relações de eventos (o que parece ser a visão mais razoável) ou quer os tomemos como qualidades de eventos, me parece que eles envolvem uma contradição.

Deixe-nos examinar primeiro a suposição de que eles são relações. Nesse caso, apenas um termo de cada relação pode ser um evento ou um momento. O outro termo deve ser algo fora da série do tempo.⁸ Pois as relações da série A são relações mutáveis, e as relações mútuas de termos da série do tempo não mudam. Dois eventos estão exatamente nos mesmos lugares na série do tempo, relativamente um ao outro, um milhão de anos antes de acontecerem, quando eles estão acontecendo, e quando eles aconteceram há um milhão de anos no passado. O mesmo é verdadeiro das relações de momentos uns aos outros. Novamente, se os momentos do tempo têm que ser distinguidos como realidades separadas dos eventos que acontecem neles, a relação entre um evento e um momento é invariante. Cada evento está no mesmo momento no futuro, no presente, e no passado.

8 Foi defendido que o presente é o que quer que seja simultâneo à afirmação da sua presentidade, futuro o que quer que seja posterior à afirmação da sua futuridade, e o passado o que quer que seja anterior à afirmação da sua passadidade. Mas essa teoria supõe que o tempo existe independentemente da série A, e é incompatível com os resultados que já alcançamos.

\468/ Assim, as relações que formam a série A devem ser relações de eventos e momentos a algo que não está na série do tempo. É difícil dizer o que é este algo. Mas, deixando esse ponto de lado, uma dificuldade mais positiva se apresenta.

Passado, presente e futuro são determinações incompatíveis. Cada evento deve ser um ou outro, e nenhum evento pode ser mais do que um desses. Isso é essencial para o significado dos termos. E, se não fosse assim, a série A seria insuficiente para nos dar, em combinação com a série C, o resultado do tempo. Pois o tempo, como vimos, envolve mudança, e a única mudança que podemos ter é do futuro ao presente, e do presente ao passado.

Logo, as características são incompatíveis. Mas cada momento tem todas elas. Se M é passado, foi presente e futuro. Se é futuro, será presente e passado. Se é presente, foi futuro e será passado. Desse modo, todos os três termos incompatíveis são predicáveis de cada evento, o que é obviamente inconsistente com sua incompatibilidade, e inconsistente com sua produção da mudança.

Pode parecer que isso pode ser explicado facilmente. De fato, é impossível apresentar a dificuldade sem quase dar a explicação, dado que nossa linguagem tem formas verbais para o passado, o presente e o futuro, mas nenhuma forma que seja comum a todos os três. Nunca é verdade, segundo a resposta, que M é presente, passado e futuro. *É* presente, *será* passado, e *foi* futuro. Ou é passado, e *foi* futuro e presente, ou ainda é futuro e *será* presente e passado. As características só são incompatíveis quando elas são simultâneas, e não há contradição a isso no fato de que cada termo tem todas elas sucessivamente.

Mas essa explicação envolve um círculo vicioso. Pois ela assume a existência do tempo para explicar o modo no qual os momentos são passados, presentes e futuros. Então o tempo deve ser pressuposto para explicar a série A. Mas já vimos que a série A tem que ser presumida para explicar o tempo. Dessa maneira, a série A tem que ser pressuposta para explicar a série A. E isso claramente é um círculo vicioso.

O que fizemos foi o seguinte – ao explicar a dificuldade de que a escrita deste artigo tem as características do passado, do presente e do futuro, dizemos que é presente, foi futuro, e será passado. Mas “foi” só é distinguido de “é” por ser existência no passado e não no presente, e “será” só é distinguida de ambas por ser existência no futuro. Assim, nossa afirmação chega a \469/ isso – que o evento em questão é presente no presente, futuro no passado, passado no futuro. E é claro que há um círculo vicioso se nos esforçamos para assinalar as características do presente, futuro e passado pelo critério das características do presente, passado e futuro.

A dificuldade pode ser apresentada de outra maneira, na qual a falácia se apresentará como uma série viciosa infinita, ao invés de um círculo vicioso. Se evitamos a incompatibilidade das três características afirmando que M é presente, foi futuro, e será passado, estamos construindo uma segunda série A, dentro da qual cai a primeira, da mesma maneira na qual os eventos caem dentro da primeira. Pode-se duvidar de se qualquer significado inteligível pode ser dado à afirmação de que o tempo está no tempo. Mas, de qualquer forma, a segunda série sofrerá da mesma dificuldade que a primeira, a qual só pode ser removida colocando-a no interior de uma terceira série A. O mesmo princípio colocará a terceira no interior de uma quarta, e assim sem fim. Você nunca pode se livrar da contradição, pois, pelo ato de removê-la do que é para ser explicado, você a produz novamente na explicação. E assim a explicação é inválida.

Assim surge uma contradição se a série A é afirmada da realidade quando a série A é tomada como uma série de relações. Ela pode ser tomada como uma série de qualidades, e isso nos daria um resultado melhor? Há três qualidades – futuridade, presentidade, e preteridade, e estão os eventos continuamente mudando da primeira para a segunda, e da segunda para a terceira? Parece-me que há pouco a ser dito em favor da visão de que as mudanças da série A são mudanças de qualidades. Sem dúvida minha antecipação de uma experiência M, a experiência ela mesma, e a memória da experiência são três estados que têm qualidades diferentes. Mas não é o M futuro, o M presente, e o M passado, que têm essas três qualidades diferentes. As qualidades são possuídas por três eventos distintos – a antecipação de M, a experiência M ela mesma, e a memória de M, cada uma das quais por sua vez é futura, presente e passada. Assim, isso não dá apoio à visão de que as mudanças da série A são mudanças de qualidades.

Mas não precisamos nos aprofundar nessa questão. Se as características da série A fossem qualidades, surgiria a mesma dificuldade que haveria se elas fossem relações. Pois, como antes, elas não são compatíveis, e, como antes, cada evento tem todas elas. Isso só pode ser explicado, como antes, dizendo que cada evento as têm sucessivamente. E assim \470/ a mesma falácia seria cometida, como no caso anterior.⁹

9 É muito comum apresentar o tempo sob a metáfora de um movimento espacial. Mas este seria um movimento do passado ao futuro, ou do futuro ao passado? Se a série A é tomada como uma série de qualidades, naturalmente ela será tomada como um movimento do passado ao futuro, dado que a qualidade da presentidade pertenceu aos estados passados e pertencerá aos estados futuros. Se a série é tomada como uma série de relações, é possível tomar o movimento em qualquer direção, dado que qualquer um dos dois termos relacionados pode ser tomado como aquele que se move. Se os eventos

Assim chegamos à conclusão que a aplicação da série A à realidade envolve uma contradição, e que consequentemente a série A não pode ser verdadeira da realidade. E, visto que o tempo envolve a série A, segue o que o tempo não pode ser verdadeiro da realidade. Quando julgamos que algo existe no tempo, estamos errando. E quando percebemos algo como existindo no tempo – que é a única maneira na qual percebemos coisas – estamos percebendo mais ou menos como isso não é.

Devemos considerar uma possível objeção. Nossa base para a rejeição do tempo, pode ser dito, não pode ser explicada sem pressupor o tempo. Mas isso não pode provar – não que o tempo é inválido, mas antes que o tempo é primitivo (*ultimate*)? É impossível explicar, por exemplo, a bondade ou a verdade a não ser considerando-as em termos a serem explicados como parte da explicação, e logo nós rejeitamos a explicação como inválida. Mas logo nós não rejeitamos a noção como errônea, mas a aceitamos como algo primitivo (*ultimate*) que, embora não admita explicação, não requer explicação.

Mas isso não se aplica aqui. Uma ideia pode ser válida da realidade, embora não admita uma explicação válida. Mas ela não pode ser válida da realidade se sua aplicação envolve uma contradição. Ora, nós começamos apontando que havia uma tal contradição no caso do tempo – que as características da série A são mutuamente incompatíveis e ainda assim verdadeiras de cada termo. A menos que essa contradição seja removida, a ideia do tempo deve ser rejeitada como inválida. Era para remover essa contradição que foi sugerida a explicação \471/ de que as características pertencem aos termos sucessivamente. Quando essa explicação falhou por ser circular, a contradição não foi removida, e a ideia do tempo deve ser rejeitada, não porque ela não pode ser explicada, mas porque a contradição não pode ser removida.

O que já foi dito, se válido, é uma base adequada para rejeitar o tempo. Mas podemos adicionar uma outra consideração. O tempo, como vimos, permanece ou cai com a série A. Ora, mesmo se ignoramos a contradição a qual acabamos de descobrir na aplicação da série A à realidade, haveria

são tomados como se movendo por um ponto fixo de presentidade, o movimento é do futuro ao passado, dado que os eventos futuros são aqueles que ainda não passaram o ponto, e os passados são aqueles que passaram. Se a presentidade é tomada como um ponto movente sucessivamente relacionado a cada um de uma série de eventos, o movimento é do passado ao futuro. Assim, dizemos que os eventos saem do futuro, mas dizemos que nós mesmos nos movemos em direção ao futuro. Pois cada homem se identifica especialmente com seu estado presente, em contrariedade ao seu futuro ou seu passado, dado que o presente é o único do qual ele tem experiência direta. E assim o eu (*self*), se é retratado como se movendo, é retratado como se movendo com o ponto da presentidade ao longo da corrente de eventos do passado ao futuro.

alguma outra razão positiva pela qual deveríamos supor que a série A era válida da realidade?

Por que acreditamos que os eventos têm que ser distinguidos como passados, presentes e futuros? Concebo que a crença surge de distinções na nossa própria experiência.

Em qualquer momento tenho certas percepções, tenho também a memória de certas outras percepções, e ainda a antecipação de outras. A percepção direta é um estado mental qualitativamente diferente da memória ou da antecipação de percepções. Nisso se apoia a crença de que a própria percepção tem uma certa característica quando a tenho, a qual é substituída por outras características quando tenho a memória ou a antecipação dessa – características que são chamadas de presentidade, preteridade e futuridade. Tendo tido a ideia de tais características, nós as aplicamos a outros eventos. Tudo o que é simultâneo com a percepção direta que tenho agora é chamado de presente, e é defendido que haveria um presente mesmo que ninguém tivesse nenhuma percepção direta. Da mesma maneira, atos simultâneos a percepções lembradas ou antecipadas são tomados por passados ou futuros, e isso novamente é estendido a eventos aos quais nenhuma das percepções que agora lembro ou antecipo são simultâneas. Mas a origem de nossa crença na distinção como um todo repousa na distinção entre percepções e antecipações ou memórias de percepções.

Uma percepção direta é presente quando a tenho, e assim é o que é simultâneo a ela. Em primeiro lugar, essa definição envolve um círculo, pois as palavras “quando a tenho” só podem significar “quando é presente”. Mas se deixamos de lado essas palavras, a definição seria falsa, pois tenho muitas apresentações diretas que estão em tempos diferentes, e as quais logo não podem ser todas presentes, exceto sucessivamente. Essa, contudo, é a contradição fundamental da série A, a qual já foi considerada. O ponto que quero considerar aqui é diferente.

As percepções diretas que tenho agora são aquelas que \472/ agora caem no interior do meu “presente especioso”. daquelas que estão além desse, só posso ter memória ou antecipação. Ora, o “presente especioso” varia de comprimento de acordo com as circunstâncias, e pode ser diferente para duas pessoas no mesmo período. O evento M pode ser simultâneo tanto com a percepção Q de X quanto com a percepção R de Y. A certo momento Q pode ter deixado de fazer parte do presente especioso de X. Logo, nesse momento M será passado. Mas no mesmo momento R ainda pode fazer parte do presente especioso de Y. E, logo, M será presente, ao mesmo tempo que será passado.

Isso é impossível. Se, de fato, a série A fosse algo puramente subjetivo, não haveria dificuldade. Podemos dizer que M foi passado para X e presente para Y, assim como podemos dizer que era agradável para X e doloroso para Y. Mas estamos considerando tentativas de tomar o tempo por algo real, como algo que pertence à própria realidade, e não apenas às nossas crenças sobre ela, e isso só pode ser assim se a série A também se aplica à realidade ela mesma. E se ela o faz, então a qualquer momento M deve ser presente ou passado. Ele não pode ser ambos.

O presente através do qual os eventos realmente passam, logo, não pode ser determinado como simultâneo ao presente especioso. Ele deve ter uma duração fixada com um fato definitivo. Essa duração não pode ser a mesma duração do presente especioso, dado que nem todos os presentes especiosos têm a mesma duração. E assim um evento pode ser passado quando estou experimentando-o como presente, ou presente quando estou experimentando-o como passado. A duração do presente objetivo pode ser a milésima parte de um segundo. Ou pode ser um século, e as ascensões de George IV e Edward VII podem formar parte do mesmo presente. Que razão podemos ter para acreditar na existência de um tal presente, o qual nós certamente não observamos como sendo um presente, e o qual não tem relação com aquilo que nós observamos como sendo um presente?

Se escapamos dessas dificuldades aceitando a visão, a qual às vezes foi defendida, de que o presente da série A não é uma duração finita, mas um mero ponto, separando o futuro do passado, encontraremos outras dificuldades igualmente sérias. Pois daí o tempo objetivo no qual os eventos estão será algo extremamente diferente do tempo no qual os percebemos. O tempo no qual os percebemos tem um presente de duração finita variável, e, logo, com o futuro e o passado, é dividido em três durações. O tempo objetivo tem apenas duas durações, separadas por um presente o qual não tem nada a não ser o nome em comum com o presente da experiência, dado que não é uma duração, mas um ponto. O que há na nossa experiência que nos dê a mínima razão para acreditar em um tempo como esse?

E assim pareceria que, no final das contas, a negação da realidade do tempo não é algo assim tão paradoxal. Isso foi chamado de paradoxal porque pareceu contradizer nossa experiência tão violentamente – nos compelir a tratar como ilusão tanta coisa que *prima facie* aparece como conhecimento da realidade. Mas agora vemos que nossa experiência do tempo – centrando como o faz no presente especioso – não seria menos ilusória se houvesse um tempo real no qual as realidades que experimentamos existissem. O presente especioso das nossas observações – variando como varia entre tu e eu – não

pode corresponder ao presente dos eventos, observado. E conseqüentemente o passado e o futuro de nossas observações não pode corresponder ao passado e ao futuro dos eventos observados. Em qualquer hipótese – quer tomemos o tempo por real ou por irreal – tudo é observado em um presente especioso, mas nada, nem mesmo as próprias observações, pode alguma vez estar em um presente especioso. E nesse caso eu não vejo que tratamos a experiência como muito mais ilusória quando dizemos que nunca há algo que esteja no presente do que quando dizemos que tudo passa através de um presente inteiramente diferente.

Nossa conclusão, então, é que não existem realmente nem o tempo como um todo, nem as séries A e B. Mas isso deixa possível que a série C realmente exista. A série A foi rejeitada pela sua inconsistência. E sua rejeição envolveu a rejeição da série B. Mas não encontramos tal contradição na série C, e sua invalidade não segue da invalidade da série A.

Logo, é possível que a realidade que percebemos como eventos em uma série do tempo realmente forme uma série não temporal. Também é possível, até onde fomos, que eles não formem tal série, e que na realidade eles não formem uma série, assim como não são temporais. Mas eu penso – embora eu não tenha espaço para entrar na questão aqui – que a primeira visão, segundo a qual eles realmente formam uma série C, é a mais provável.

Caso isso deva ser verdadeiro, seguirá que na nossa percepção dessas realidades como eventos no tempo haverá alguma verdade, assim como algum erro. Por meio da forma enganadora do tempo, devemos apreender alguma das suas relações verdadeiras. Se dizemos que os eventos M e N são simultâneos, dizemos que eles ocupam a mesma posição na série do tempo. E haverá alguma verdade nisso, pois as realidades, as quais percebemos como os eventos M e N, de fato ocupam a mesma posição em uma série, embora não seja uma série temporal.

\474/ De novo, se afirmamos que os eventos M, N, O estão todos em tempos diferentes, e estão nessa ordem, afirmamos que eles ocupam posições diferentes na série do tempo, e que a posição de N é entre as posições de M e O. E será verdade que as realidades as quais vemos como esses eventos estarão em uma série, embora não em uma série temporal, e que suas posições nela serão diferentes, e que a posição da realidade a qual nós percebemos como o evento N estará entre as posições das realidades as quais percebemos como os eventos M e O.

Se essa visão é adotada, o resultado até aqui será semelhante àquele alcançado por Hegel, ao invés daquele de Kant. Pois Hegel viu a ordem da série do tempo como um reflexo, ainda que distorcido, de algo na natureza real

da realidade sem tempo (*the timeless reality*), enquanto Kant não parece ter contemplado a possibilidade de que alguma coisa na natureza do noumenon deva corresponder à ordem do tempo a qual aparece no fenômeno.

Mas a questão de se uma tal série C objetiva existe deve ficar para discussão futura. E muitas outras questões se impõem a nós, as quais inevitavelmente surgem se a realidade do tempo é negada. Se há uma tal série C, as posições nela são simplesmente fatos definitivos, ou elas são determinadas pelas quantidades variáveis, nos objetos que estão nessas posições, de alguma qualidade a qual é comum a todas elas? E, se assim for, o que é essa qualidade, e é uma quantidade maior dela o que determina as coisas a aparecer como posteriores, e uma quantidade menor o que as determina a aparecer como anteriores, ou o reverso é o verdadeiro? Pode ser que nossas esperanças e temores pelo universo dependam da solução dessas questões para suas confirmações ou rejeições.

E, de novo, a série de aparições (*appearances*) no tempo é uma série a qual é finita ou infinita em comprimento? E como devemos lidar com a própria aparência (*appearance*)? Se reduzimos o tempo e a mudança à aparição (*appearance*), essa não deve ser uma aparência (*appearance*) a qual muda e a qual está no tempo, e então o tempo não seria mostrado como real, no final das contas? Sem dúvida essa é uma séria questão, mas espero mostrar a seguir que ela pode ser respondida satisfatoriamente.